

sesc^{tv}

Outubro/2014 - edição 91
sesc^{tv}.org.br

VIDEOBRASIL NA TV
**UM MERGULHO
NO PROCESSO DE
CRIAÇÃO**

DOCUMENTÁRIO
A OBRA DO ESCRITOR
CAIO FERNANDO ABREU

MÚSICA
AS COMPOSIÇÕES DO
TECLADISTA LONNIE SMITH



Plínio Marcos: “eu fiz por merecer”

Sesc^{tv}

de 19 a 23/11

Cinema:

Dois Perdidos Numa Noite Suja (2002)

direção: José Jofily

Querô (2007)

direção: Carlos Cortez

Musical:

Plínio Marcos em Prosa e Samba

Entrevistas:

Roda Viva (TV Cultura)

com Plínio Marcos

Entrevista com o biógrafo

Oswaldo Mendes

Foto: José Nascimento / Folhapress



youtube.com/sesctv



[@sesctv](https://twitter.com/sesctv)



fb.com/sesctv

Celebrar a videoarte e consolidar um espaço para apreciação e reflexão sobre o processo de criação artística compõem a base do trabalho do Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, que em 2013 completou três décadas de atividades. Um de seus desmembramentos é a série Videobrasil na TV, exibida pelo SescTV, que repercute e amplifica as ações do próprio festival, para além de suas fronteiras de tempo e espaço. Neste mês, o canal inicia a exibição de oito novos programas da série, intitulados *Coleção de Autores*. São documentários sobre artistas brasileiros e internacionais, dirigidos por outros artistas convidados. Eles investigam e acompanham diversas etapas da criação artística, contribuindo para um olhar panorâmico sobre a arte.

Proporcionar uma dimensão mais aprofundada sobre a arte e seu criador também foi motivação para os diretores Bruno Polidoro e Cacá Nazario, na realização do documentário *Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes*. O filme, inédito, resgata a trajetória do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu a partir dos lugares onde ele viveu e da seleção de trechos de sua obra. A série CurtaDoc mostra diferenças e semelhanças no cotidiano de crianças de três países latino-americanos: Cuba, Peru e Brasil, no episódio *Vida de Criança*. Na faixa musical, destaque para show do organista Lonnie Smith, que se apresentou em setembro de 2013, no Sesc Pompeia, com repertório instrumental de composições próprias e improvisações.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista a professora e pesquisadora Ana Lúcia Enne, que em setembro falou sobre TV e Cultura Popular no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc. O artigo da jornalista Jeanne Callegari aborda o legado do escritor Caio Fernando Abreu para a literatura brasileira. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Videobrasil na TV: Videobrasil Coleção de Autores: Certas Dúvidas de William Kentridge
Foto: Divulgação

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA - Ana Lúcia Enne 8

ARTIGO - Jeanne Callegari 10

Um escritor voraz

FOTO: DIVULGAÇÃO



Caio Fernando Abreu: romancista, dramaturgo, jornalista. Um ser inquieto, de alma pulsante. Características que se refletem em sua obra, seja em crônicas publicadas em jornais e revistas – nas quais ele revelava seu olhar sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre si mesmo –, seja como escritor de romances. A finitude da vida, a angústia do porvir, a persistente busca da felicidade são temas recorrentes de seu trabalho. Era através dos textos que Abreu dialogava com o mundo e consigo próprio; falava do medo, da solidão, da morte e do sexo com desconcertante intimidade, apresentando um retrato de seu tempo, de sua geração. “Você sabe que eu não falaria dessas coisas se não tivesse a certeza de que você sentia o mesmo que eu a respeito dos fios de luz”, escreveu.

Por meio de seus textos, Abreu revelava suas angústias e incertezas, em mensagens sem rodeios. “Chorei três horas, depois dormi dois dias. Parece incrível ainda estar vivo quando já não se acredita em mais nada.” Para Maria Adelaide Amaral, dramaturga e autora de textos para teatro e televisão, Abreu foi um escritor intenso. “Ele era voraz. Voraz de novidade, de afeto. Ele sempre achava que um novo lugar era uma nova possibilidade de afeto.” Nascido na cidade gaúcha de Santiago do Boqueirão, em 1948, Abreu viveu também em São Paulo, Rio de Janeiro, Paris, Saint Nazaire (na França) e Porto Alegre, onde morreu, em 1996. “Ele dizia: ‘eu sou dessas plantas que têm má saúde quando transplantadas para o estrangeiro, mas que morrem se são trazidas de volta para sua terra natal’”, conta o ator Marcos Breda.

A trajetória e a obra de Caio Fernando Abreu são temas do documentário inédito *Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes*, que o SescTV exibe neste mês. Com direção de Bruno Polidoro e Cacá Nazario, o filme apresenta um retrato de Abreu e, principalmente, de seu universo literário. O filme traz ainda depoimentos de pessoas que conviveram com Abreu e que, de alguma forma, foram influenciadas por seu trabalho, como a cantora Adriana Calcanhoto, o escritor Gil Veloso, o diretor teatral e amigo Luciano Alabarse, o ator Marcos Breda e a dramaturga Maria Adelaide Amaral. A produção, de 2012, faz um mergulho poético e contemplativo sobre o escritor, associando imagens das cidades onde ele viveu a trechos de sua obra, como esta citação: “Todos sabiam que ele sabia que tinha ficado tarde demais. Para a alegria, repetia, a saúde, a própria vida. Sobretudo para o amor, suspirava. Nunca mais o amor era o que mais doía.”

FILME EM LINGUAGEM POÉTICA E CONTEMPLATIVA APRESENTA UM RETRATO DO ESCRITOR GAÚCHO CAIO FERNANDO ABREU



DOCUMENTÁRIO

Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes

Direção: Bruno Polidoro e Cacá Nazario

Dia 24/10, às 23h

Olhares sobre a arte

FOTO: DIVULGAÇÃO



Promover um mergulho no processo de criação artística. Investigar as motivações e o contexto por trás das obras. Interagir com o trabalho alheio e, a partir daí, extrair e criar novos produtos artísticos, resultantes dessa experiência intensa de observação, pesquisa e troca. Partindo dessas premissas, a Associação Cultural Videobrasil, em parceria com o Sesc, convidou diretores para acompanhar e registrar, em linguagem audiovisual, o trabalho de artistas como William Kentridge, Rafael França, Mau Wal, Akram Zaatari, Coco Fusco e Chelpe Ferro. O resultado dessa experiência, realizada ao longo das trinta edições do festival Videobrasil, está em oito documentários, intitulados *Coleção de Autores*, que o SescTV exibe neste mês, na série Videobrasil na TV. “Coleção de Autores surgiu numa perspectiva de produzir uma série de documentários sobre artistas”, afirma a curadora do Videobrasil, Solange Farkas. “Não basta eu mostrar as obras de um artista sem você conhecer o contexto em que ele opera. É preciso mergulhar no universo dele e trazer para o público quais são as camadas por trás de sua obra”, diz.

Participam do projeto os diretores Alex Gabassi, Fabiana Werneck Barcinski, Carlos Nader, Marco Del Fiol, Wagner Morales e Karim Aïnouz. “A gente está pegando pessoas interessantes, que têm ideias incríveis e estão tentando falar com o mundo de uma maneira original”, diz Alex Gabassi, que dirigiu o episódio *Certas Dúvidas de William Kentridge*. Para o cineasta Marco Del Fiol, a possibilidade do encontro com o outro foi um ponto positivo da proposta. “É

bacana essa ideia de um encontro entre um autor e outro autor, através da câmera”, afirma. Ele destaca também a importância de construir um acervo audiovisual sobre artistas que ainda estão em pleno processo de criação. “Já não existem muitos documentários de arte. E de arte contemporânea? Quase nada. E é tão importante ser feito no momento em que esses artistas estão vivos e produzindo e não têm uma obra fechada”, opina.

Para Carlos Nader, que documentou o trabalho do grupo Chelpe Ferro, a participação no projeto construiu uma relação para além do olhar do documentarista sobre o objeto retratado. “Gosto da ideia de que estou tendo uma experiência de vida e que o vídeo é o resultado, o rastro, são as pegadas dessa experiência”, afirma. Para Solange Farkas, esse trabalho deixa um legado que vai além do reconhecimento ao trabalho desses artistas. “A gente acredita que a arte é um instrumento importante para a educação, para a formação de um olhar. Um filme sobre arte, sobre um artista, sobre um processo artístico é um instrumento poderosíssimo para conseguir alcançar esses objetivos e essa missão do Videobrasil.”

OITO DOCUMENTÁRIOS REALIZADOS POR DIRETORES CONVIDADOS MOSTRAM O TRABALHO DE DIFERENTES ARTISTAS

▶ VIDEOBRASIL NA TV

VIDEOBRASIL COLEÇÃO DE AUTORES

Curadoria: Solange Farkas
Direção geral para TV: Jasmin Pinho e Marco Del Fiol
Segundas, 23h

Histórico

Direção: Jasmin Pinho
Dia 13/10 **10**

Certas dúvidas de William Kentridge

Direção: Alex Gabassi
Dia 20/10 **12**

Rafael França – Obra como Testamento

Direção: Fabiana Werneck Barcinski
Dia 27/10 **L**

Murmúrios do jazz

FOTO: MARK SHELDON



O estilo aparentemente pacato – reforçado pelo uso da bata, turbante e barba longa, à semelhança de um guru indiano – serve, na verdade, de contraponto a um músico inquieto que, aos 72 anos, mantém-se em plena criação, longe de ter a mente tranquila. O tecladista e compositor norte-americano Lonnie Smith ganhou fama ao tocar com George Benson, nos anos 1960, e é uma referência para novas gerações de músicos. “Quando eu toco, às vezes há duas ou três ideias na cabeça, de uma vez só. E os caras (da banda) são demais, porque conseguem seguir o que a minha mente manda no momento”, conta.

A mistura de estilos é o ponto de partida de seu trabalho, com influências do jazz, blues, rhythm & blues e da música gospel. “Por muitos anos, tive isto no meu coração: tocar diferentes gêneros”, diz. Ao longo de sua carreira, Smith regravou músicas de bandas

como The Beatles, da dupla britânica Eurythmics até tributos a Jimi Hendrix e John Coltrane. Dentre seus parceiros, estão músicos como Dionne Warwick e Etta James. Smith também se revela fã da música brasileira: “O que eu gosto é que o som dela é mais ritmado, centrado, romântico”.

Em mais de 50 anos ao lado de seu órgão Hammond B-3, Smith já participou de mais de 70 álbuns e gravou mais de 30 em carreira solo. Começou sua vida artística cedo, tocando trompete e outros instrumentos na escola. Na adolescência, integrou grupos vocais, até conseguir gravar seu primeiro disco, *Finger Lickin’ Good*, em 1966. Desde então, sua obra tem sido mixada e até acrescida de letras em faixas de rap, hip hop, dance e house. “Eu amo (essa fusão), porque é legal ver o que eles fazem com isso. Cada geração tem um sentimento diferente, um som diferente. E eles trazem isso para a música”, destaca.

O SescTV exhibe, neste mês, show inédito de Lonnie Smith, gravado em setembro de 2013 no Sesc Pompeia. Acompanham o tecladista: Johnathan Blaka, na bateria; e Jonathan Kreiseberg, na guitarra. Ao estilo jam session, em repertório instrumental, com composições próprias e improvisação, o trio faz uma performance envolvente e intimista, na qual Smith chega a deixar o órgão de lado para tocar uma guitarra que lembra uma bengala. Apesar de já ter atuado em duos, octetos e até em orquestras, é assim, em trio, que ele prefere se apresentar. “É como eu mais me divirto, porque sobra bastante espaço para eu preencher”, avalia o tecladista, que acredita que sua peregrinação neste mundo está longe de acabar. “Se eu morrer agora, devo voltar para completar meu trabalho”, afirma.

TECLADISTA LONNIE SMITH MESCLA RITMOS À FRENTE DE TRIO EM SHOW INTIMISTA E CHEIO DE IMPROVISOS

▶ MÚSICA

Lonnie Smith

Dia 22/10, 22h 

Tempo de brincar

FOTO: CÁSSIO FERREIRA



A ideia de infância é associada ao momento de brincar, socializar, sonhar, questionar e descobrir. Pode ser, ainda, uma fase de cobranças, desafios, necessidades. Assim, a criança é sempre entendida numa perspectiva de um ser em formação, preparando-se para um momento futuro. “Quando a gente fala de criança, sempre pensa no vir a ser, e não naquela que já é hoje, e nesse modo de vida”, explica Monica Fantin, professora de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

As diferenças e, principalmente, as semelhanças no cotidiano de meninos e meninas de países latino-americanos com realidades bem distintas estão presentes em três documentários inéditos, em curta-metragem, reunidos no programa *Vida de Criança*, da série *CurtaDoc*, que o SescTV exibe neste mês. A professora Monica Fantin comenta os filmes no episódio. “É muito importante esse tipo de visibilidade que está sendo dada à criança, essas relações que ela vai estabelecendo nos mais diferentes lugares. As especificidades, as particularidades e também aquilo que elas têm em comum, que transcendem as fronteiras e revelam um pouco da condição humana, da universalidade de ser criança”, destaca.

Capitan, de Vinícius Ferreira, acompanha a rotina de vários alunos de boxe em Cuba – com enfoque especial em um dos garotos, cujo apelido dá nome à obra. A

narrativa se passa em Havana, em 2011, e revela uma dura realidade marcada pelo desejo de tornar-se boxeador profissional, mas também por muitas exigências e dificuldades, como a falta de equipamentos e infraestrutura para treinar. *Hijos de la Tierra*, de Diego Sarmiento, percorre o dia a dia de um menino peruano que vive na comunidade Chiriyako, na região de San Martín, e se divide entre a colheita de bananas e brincadeiras com seus primos e irmão. Na produção, de 2013, os meninos se divertem no campo ou no rio, cantando músicas como o hino nacional do Peru e canções populares brasileiras. *A mulher no alto do morro*, de Cássio Ferreira dos Santos, mostra um grupo de crianças que se reúne para recortar e colar lanternas em Cruzeiro da Fortaleza (MG), em meio a conversas e passeios. No filme, de 2012, os meninos ouvem histórias de assombração, contadas por uma mulher mais velha, despertando medos e curiosidades neles.

Ainda neste mês, o SescTV exibe outros três episódios inéditos da série: *Cartas no papel*, sobre o hábito de trocar correspondências, dia 14/10; *Conflitos*, sobre ódio, intolerância, religiões e territórios, dia 21/10; e *Natureza Viva*, sobre preservação ambiental e sustentabilidade, dia 28/10. CurtaDoc tem direção de Kátia Klock.

COTIDIANO DE CRIANÇAS DE DIFERENTES PAÍSES LATINO-AMERICANOS É TEMA DE TRÊS DOCUMENTÁRIOS INÉDITOS

▶ CURTADOC

Terças, 21h

Vida de Criança

Dia 7/10 **L**

Cartas no Papel

Dia 14/10 **L**

Conflitos

Dia 21/10 **12**

Natureza Viva

Dia 28/10 **L**

Cultura em múltiplos conceitos

FOTO: ROGER SAUSAKI



Ana Lúcia Enne é professora e pesquisadora de mídia e cultura. Formada em Jornalismo, com pós-graduação em Antropologia, leciona no curso de Estudos de Mídia e na pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (RJ). Também coordena o Laboratório de Mídia e Identidade – LAMI e o Grupo de Estudos sobre Comunicação, Cultura e Sociedade – GRECOS, onde coordena pesquisas sobre temas diversos ligados aos estudos midiáticos e culturais. Em setembro, ela participou do ciclo Linguagem Televisiva e Gestão, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo.

Existe um consenso sobre a definição de cultura popular?

Cultura popular é um tema bastante complexo, com vários desdobramentos. Começo sempre pelo princípio da desconstrução do próprio nome. A palavra cultura como sinônimo de conhecimento, ou de um arsenal que um grupo carrega, tem somente 300 anos. Antes disso, a palavra era ligada ao cultivo da terra ou ao culto aos deuses. Foi a sociedade ocidental que inventou essa ideia de cultura que usamos hoje. Pelo entendimento atual, cada grupo seria responsável por criar um tipo de cultura. Chamou-se de cultura erudita o que estava ligado à elite. Fazia sentido que valorizassem o que já era do universo dela. Mas é claro que é um critério subjetivo e excludente. Historicamente, o conceito de cultura tem dois olhares: o dos iluministas e o dos românticos. Para os iluministas, as pessoas precisam ser lapidadas e educadas. Nessa concepção, a cultura popular é o espaço da falta: a falta de erudição, de educação, de conhecimento. Já para os românticos, a cultura popular é a essência do povo, onde está a autenticidade.

dade; é o rústico, porém autêntico. É dessa segunda interpretação que nasce parte da Antropologia, por exemplo. Mas, para os românticos, não poderia haver a mistura da cultura popular, porque daí ela deixaria de ser pura, estaria impregnada de outras referências, já não seria mais autêntica.

De que forma a mídia entende e incorpora esses conceitos?

No século 20, esse esquema se complica, com a chegada da comunicação de massa e desse princípio de uma obra original que se replica em muitas cópias. E daí você vai trabalhar com a cultura atravessada pela massificação. Essa cultura de massa vai ter um papel de inserção desse sujeito que está deixando a vida no campo e migrando para as cidades. Hoje, por consequência desse processo, têm surgido novos conceitos sobre cultura. Um deles é não pensar mais na cultura em níveis. Eu questiono: a quem interessa separar a cultura em erudita, popular e de massa?

Pensando nesse conceito de cultura iluminista que você mencionou, não seria um contrassenso a elite criar elementos de distinção e, ao mesmo tempo, adotar essa postura de levar o conhecimento às pessoas?

O contrassenso é a constituição da própria burguesia. Essa ideia de um individualismo qualificado, de igualdade e singularidade. Nesse sentido, a distinção da elite não será mais pelos direitos, mas pelo gosto. Veja, a gente quer ser igual e ser diferente ao mesmo tempo. É convocado a ser massa, mas a ter um gosto único. O *ethos* burguês nos esquizofrenizou. E os espaços que poderiam ser usados como discussão não se apropriam disso. A escola, por exemplo, não usa os formatos da cultura popular, da cultura de massa. Acho que precisamos nos apropriar desses formatos da cultura popular, até para entender porque aquilo fala tanto conosco.

Faltaria, então, uma abordagem menos superficial sobre o assunto?

O que falta é sair do dualismo. É preciso complexificar. Sou da opinião de que é possível ensinar qualquer tema, por mais difícil que seja, usando um formato que dialogue com o público. Temos de encantar esse público acostumado ao formato da comunicação de massa para que, a partir daí, tenha contato com outros formatos. Um programa de arte na televisão é ótimo, mas requer uma formação cognitiva, você tem que ter uma experiência estética que possibilite essa fruição. Para isso, é preciso habituar o espectador para essa nova proposta. Senão, você cria uma programação incrível, mas tem traço de audiência, porque o espectador não vai assistir. O importante é conjugar

“O QUE FALTA É SAIR DO DUALISMO. É PRECISO COMPLEXIFICAR. SOU DA OPINIÃO DE QUE É POSSÍVEL ENSINAR QUALQUER TEMA, POR MAIS DIFÍCIL QUE SEJA, USANDO UM FORMATO QUE DIALOGUE COM O PÚBLICO”

vários formatos, sem discriminar aqueles considerados historicamente como populares e, portanto, descartáveis. São extremamente ricos e falam com as pessoas.

Na sua opinião, de que forma a TV lida com esses conceitos, especialmente nesse momento de mudança da fruição do audiovisual, com a possibilidade do vídeo on demand?

Acredito, sim, que o modo de assistir à TV vai mudar, mas não para essa geração. Talvez em 30 anos. A TV consolidou hábitos e ainda pauta nossa agenda. Claro que a televisão não é estática, ela consolida determinados formatos que são mais afetivos para a gente. Mas ela própria vai mudando também. Quando comecei a dar aulas, percebi que a cada 17 ou 18 minutos de exposição, os alunos perdiam a concentração. Passei a incorporar isso ao próprio ritmo das minhas aulas. Então, sempre faço um intervalo após esse tempo de explicação. Hoje, já percebo que essa geração atual não tem mais esse comportamento, mas carrega muito a ideia das múltiplas referências, do hiperlink da internet. Fico pensando quão desafiador será para os professores lecionar para essas crianças que hoje estão com cinco anos de idade. Caberá a esses educadores encontrar outros caminhos, sem deixar de dialogar com essas referências culturais que seu público traz.

“ACHO QUE PRECISAMOS NOS APROPRIAR DESSES FORMATOS DA CULTURA POPULAR, ATÉ PARA ENTENDER PORQUE AQUILO FALA TANTO CONOSCO”

Caio F., um escritor que permanece

“Quería tanto que alguém me amasse por alguma coisa que escrevi.” A frase está em uma carta de Caio Fernando Abreu a Hilda Hilst, escrita em junho de 1970. Quando morreu em decorrência da Aids, em 1996, o autor nascido em Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, quase na fronteira com a Argentina, era um nome reconhecido. Ganhara prêmios, era cronista de um jornal de veiculação nacional, fora patrono da Feira do Livro em Porto Alegre. Seu livro *Morangos Mofados*, publicado em 1982 pela Brasiliense, na famosa coleção Cantadas Literárias, foi uma das obras icônicas da década de 1980 no país. O que talvez Caio não imaginasse é que o apreço – e o amor, como ele queria, – viriam a crescer ainda mais com o passar dos anos, atingindo um público mais jovem com verdadeira fascinação por sua obra.

Em 2004, quando comecei a pesquisa para escrever a biografia *Caio Fernando Abreu: Inventário de um Escritor Irremediável* (Seoman, 2008), não era fácil encontrar seus livros. Com algumas exceções, como o belíssimo *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* e o próprio *Morangos Mofados*, a maioria estava esgotada. Na época, não havia sites que reúnem sebos na internet, e o garimpo atrás das edições antigas era feito a pé, um a um, exemplar a exemplar. Mesmo com essa dificuldade, porém, já dava para notar um movimento ali. Por toda parte encontrava jovens como eu – à época do início da pesquisa, eu tinha 22 anos – que se interessavam pela obra do Caio. Eram trabalhos acadêmicos sobre sua obra, peças de teatro baseadas em seus contos. Muita coisa feita por gente que mal entrara na adolescência quando ele morreu.

Dez anos depois, esse movimento se ampliou. A obra de Caio foi reeditada, e já não é preciso percorrer dezenas de sebos para ler livros do início de sua carreira, como *O Inventário do irremediável* e *Pedras de Calcutá*. Seus textos continuam inspirando dezenas de peças de teatro, além de adaptações para o cinema, como foi o filme *Onde Andará Dulce Veiga*, de 2008, dirigido por Guilherme de Almeida Prado, com Maitê Proença no papel de Dulce e Carolina Dieckmann como Márcia Felácio. Os trabalhos acadêmicos pipocam, assim como livros sobre o autor. Dois documentários foram filmados sobre ele. Além disso tudo, Caio virou fenômeno nas redes sociais. No Facebook há várias páginas dedicadas a ele; a maior tem cerca de 630 mil seguidores. O Twitter também tem perfis do autor. Muitas dessas páginas colocam regularmente frases tiradas de suas obras, fenômeno parecido ao que ocorreu com outros escritores, como Clarice Lispector e Luis Fernando Veríssimo.

Caio F. virou meme. Muitos de seus fãs são jovens de 17, 18 anos, que acabaram de descobrir seu trabalho e se encantaram. Se eu era adolescente quando Caio morreu, muito dos novos leitores mal tinham nascido em 1995, quando ele, já doente, voltou para Porto Alegre para viver uma vida tranquila, cuidando das rosas do jardim da casa dos pais.

Mas de onde vem esse interesse das novas gerações pelo Caio? Seus textos eram cheios de referências a personagens e acontecimentos de sua época; daria pra pensar que a obra ficaria datada, deixaria de fazer sentido para os que vieram depois. Ele bebia na música, no cinema, no teatro e até no besteiro para fazer o que chamava de “literatura pop”. Mas não foi isso que aconteceu. É que a literatura do Caio tem algo que fica, algo de passional, rebelde e lírico que ainda ressoa nos leitores de hoje. Caio foi um homem de seu tempo e o viveu intensamente: fugiu da ditadura militar, se exilou na Europa, experimentou o desbunde da década de 1970, viveu a redemocratização no país na década de 1980 e presenciou a morte de dezenas de amigos em decorrência da Aids, doença que acabou por levá-lo também, aos 47 anos de idade. Tudo isso está em seus textos, mas embebido em uma paixão, uma intensidade e um afeto que fazem com que o seu trabalho perdure. Seus textos não são otimistas água-com-açúcar, como alguns dos perfis e páginas na internet podem levar a crer. Havia momentos de redenção, mas também uma profunda melancolia, uma compreensão da solidão e dos aspectos soturnos da vida. Falava de sexo, da homossexualidade, mas também da morte, da angústia de estar vivo. Tratava da loucura das metrópoles, das fachadas em neon e da condição de sentir-se permanentemente estrangeiro. Com um texto sempre impecável, incorporava o culto e o vulgar, era profundo e superficial ao mesmo tempo. “Nada do que é humano me apavora”, disse certa vez. Ele não tinha medo de mexer em lodaçais para escrever. Foi, como o descreveu certa vez a escritora Lygia Fagundes Telles, um “biógrafo das emoções”. É por tudo isso, talvez, que ele permanece.

Jeanne Callegari é jornalista e autora do livro Caio Fernando Abreu – Inventário de um Escritor Irremediável (Seoman, 2008).

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: ISABEL D'ELIA



DO SAMBA AO JAZZ

O SescTV exhibe, dia 26/10, show inédito de Arismar do Espírito Santo, na série Instrumental Sesc Brasil. O músico apresenta repertório de samba, valsa, choro, xote e jazz, em comemoração aos seus 40 anos de carreira. Entre suas composições mostradas no show estão: *Turmalina*; *Mais querida*; *Marjoriana*; e *Vidão*. Antes, em *Passagem de Som*, o músico relembra sua trajetória e fala de suas influências. Ainda neste mês, shows com Sidiel Vieira, dia 5/10; Gasolines, dia 12/10; e Antonio Adolfo, dia 19/10. A partir das 21h. Direção artística: Max Alvim. Classificação indicativa: Livre. **L**

FOTO: ANDREA LOPEZ



TERROR E MEDO NO CINEMA

O terror e o medo inspiram inúmeras produções no cinema brasileiro e internacional. Neste mês, o SescTV destaca alguns programas com essa temática. No Sala de Cinema, entrevista com José Mojica Marins, que fala de seu personagem Zé do Caixão, dia 27/10, à 1h. No HiperReal, o episódio *O Puro Sangue de Groselha* traz a produção de filmes denominados trash, com maquiagem de sangue feito com gelatina. Dia 27/10, às 24h. No gênero de curtas-metragens, o canal exhibe, no dia 29/10, às 24h, os filmes *Ana Beatriz*; *Inquérito Policial nº 0521/09*; *Vela ao Crucificado*; e *A Moça que Dançou Depois de Morta*, todos da série *Faixa Curtas*. Confira programação completa no site.

ALIMENTAÇÃO EM PAUTA

O Dia Mundial da Alimentação, celebrado em 16 de outubro e que, neste ano, traz como tema a Alimentação Familiar, é lembrado pelo SescTV com uma programação especial. **Todas as terças, às 17h30**, o canal exhibe documentários da série *Brasiliana*, direção de Mário Kuperman, com destaque para o filme *Um, Dois, Feijão com Arroz*, sobre uma das combinações alimentares mais tradicionais no País. **Dia 7/10**. A série *Coleções* apresenta três episódios da temporada *Ciclos da Terra*: *Caju*, no dia 6/10; *Cacau*, dia 13/10; e *Açaí*, dia 27/10, sempre às 23h30. O documentário *Estado de Resistência*, de Berenice Mendes, debate sobre o agronegócio, a transgenia e a monocultura no Brasil, dia 16/10, às 12h.

IMERSÃO OLHO-URUBU

O Sesc realizou, entre os dias 4 e 13 do mês passado, a terceira edição do *Mirada Festival Ibero-americano de Artes Cênicas de Santos*. O evento contou com uma programação de espetáculos, vivências, debates e workshops com profissionais de países como Brasil, Argentina, México e Chile. Durante o festival, a oficina *Imersão Olho-Urubu: Laboratório Audiovisual SescTV*, coordenada pelo cineasta e diretor teatral André Guerreiro Lopes, promoveu uma imersão no processo de criação, tendo como ponto de partida a intersecção entre o teatro e o audiovisual. As poesias audiovisuais resultantes desse processo serão exibidas futuramente pelo canal, nos intervalos da programação.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sescvtv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e Luna D'Alama
Editores: Marcos Pereira Moreira
Revisão: Marcelo Almada

Sesctv

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sescvtv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sescvtv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

dança



contemporânea

MEIA
INFERNAIS

nova temporada
21 de novembro | 21h

Espectáculo: Imprimi Potest. Foto: Alex Ribeiro



Sesc^{tv}

 [youtube.com/sesctv](https://www.youtube.com/sesctv)

 @sesctv

 [fb.com/sesctv](https://www.facebook.com/sesctv)